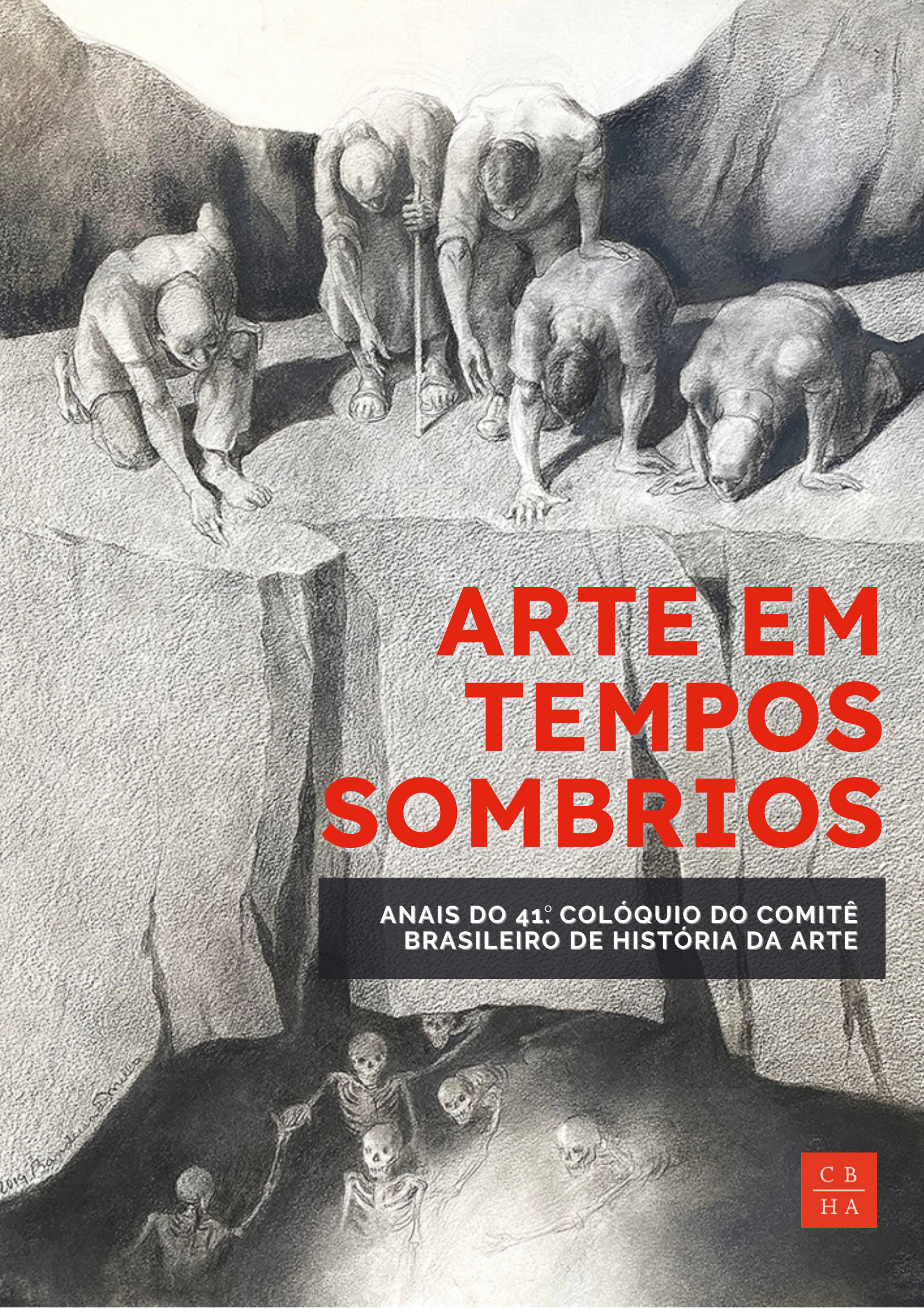

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CBHA

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização

CBHA

Organização

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFU Universidade Federal de Uberlândia

UFPEL

UFRRJ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972
Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)
Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)
Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)
Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)
Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)
Almerinda da Silva Lopes (UFES)
Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)
Luiz Alberto Freire
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)
Marize Malta (UFRJ)

41° Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios
Comissão Organizadora
Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)
Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)
Marize Malta (UFRJ/CBHA)
Neiva Bohns (UFPel/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)
Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico
Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)
Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)
Blanca Brites (UFRGS/CBHA)
Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)
Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)
Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)
Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)
Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)
Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)
Neiva Bohns (UFPel/CBHA)
Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)
Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)
Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)
Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa
Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação
Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41° Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios – Evento online **-** 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado
ISSN: 2236-0719 - https://doi.org/10.54575/cbha.41

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.
CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

Monumentos funerários de São Paulo dedicados aos heróis da Revolução de 1932

Maria Elizia Borges, Universidade Federal de Goiás
https://orcid.org/ 0000-0001-6470-7337
maelizia@terra.com.br

Resumo

A Revolução Constitucionalista de 1932 custou a vida de 830 militares paulistanos nos campos da batalha que durou de 9 de julho a 4 de outubro. O presente artigo analisa os jazigos individuais de alguns dos constitucionalistas mortos em combate e sepultados em cemitérios de São Paulo, antes do translado de seus corpos para o obelisco/mausoléu inaugurado em 1970 no Parque Ibirapuera. Na época, São Paulo tinha um número grande de marmoristas e escultores italianos dedicados à construção de obras funerárias, e alguns deles foram encarregados de edificar tais monumentos sob a custódia do governo do estado de São Paulo, familiares e associações afins. Pode-se afirmar que esses jazigos trazem as características peculiares de cada escultor, todavia, contêm símbolos comuns à Revolução Constitucionalista de 1932, o que faz deles um tributo à memória e ao não esquecimento desse levante armado.

Palavras-chave: Revolução Constitucionalista de 1932. Jazigos dos constitucionalistas. Escultores italianos. Cemitérios da cidade de São Paulo. .

Abstract

The Constitutionalist Revolution of 1932 cost the lives of 830 São Paulo soldiers on the battlefields of the battle that lasted from July 9th to October 4th. This article analyzes a few tombs of some of the constitutionalists killed in combat and buried in cemeteries in the city of São Paulo, before their bodies were transferred to the obelisk/mausoleum inaugurated in 1970 in Ibirapuera Park. At the time, São Paulo had a large number of Italian marble workers and sculptors dedicated to the construction of funerary stonework, and some of them were in charge of building such monuments under the custody of the goverment of the state of São Paulo, family members and related associations. It can be said that these tombs bring peculiar characteristics of each sculptor, however, they contain symbols common to the Constitutionalist Revolution of 1932, which makes them a tribute to the memory.

Keywords: Constitutionalist Revolution of 1932. Constitutionalists' tombs. Italian sculptors. Cemeteries in the city of São Paulo.ra-chave 4. .

"Os grandes heróis Paulistas tombaram –
porém, em pé! E o pendão das treze listas
mostrou o poder da fé" (Pezzato, 2011).

A Revolução Constitucionalista de 1932

A Revolução Constitucionalista foi deflagrada em 1932 por paulistas insatisfeitos com o governo ditatorial do então presidente Getúlio Vargas, que havia abolido a Constituição Federal em 1930. O governo de São Paulo lutou a favor do restabelecimento do regime democrático, da criação de uma nova constituição e da reconquista do poder político paulistano perdido com a Revolução de 1930. Além de São Paulo, quatro outros estados aderiram à causa: Rio de Janeiro, Minas Gerais, Alagoas e Rio Grande do Sul. Todavia, a luta armada ficou somente para São Paulo, tornando-se então um dos grandes episódios da história do estado. A revolução foi considerada um ato de protesto e de resistência política contra o autoritarismo do governo federal, desencadeando uma luta desigual, com 35 mil paulistanos lutando contra uma tropa federal composta por 100 mil soldados. Cerca de 830 militares paulistanos vieram a falecer nos campos da batalha que durou 87 dias, de 9 de julho a 4 de outubro de 1932.

Para homenagear essa epopeia paulista, a cidade de São Paulo iniciou a construção do Monumento e Mausoléu ao Soldado Constitucionalista no Parque Ibirapuera, cujo projeto foi escolhido mediante um concurso internacional realizado em 1934. O vencedor do certame foi o escultor italiano Galileo Emendabili (1898-1974), mas as obras seriam iniciadas somente em 1942, estendendo-se até 1970. No local estão os restos mortais de muitos combatentes, o que o tornou também em um mausoléu, exaustivamente pesquisado por Anna Maria Abrão Khoury Rahme (2005).

O Monumento e Mausoléu ao Soldado Constitucionalista é uma obra eminentemente arquitetônica, e não só escultórica, e possui 70 metros de altura, com capacidade para acolher as urnas de 5 mil heróis. Possui diversas simbologias e inscrições, e é tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat) e pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp). Está localizado no Parque Ibirapuera, em uma posição estratégica da cidade de São Paulo, entre as avenidas 23 de maio e 9 de julho tornando-se um marco no local.

É a última morada de diversos paulistanos ilustres que contribuíram para o ideal constitucionalista de 1932, tais como o poeta Guilherme de Almeida, o General Júlio Marcondes Salgado, o General Ataliba Leonel, o estudante e voluntário Clineu Braga de Magalhães e do jurista, jornalista e escritor Ibraim Nobre. Também estão enterrados ali os restos mortais dos membros da MMDC – organização civil paramilitar criada em São Paulo no dia 24 de maio com as iniciais dos nomes dos estudantes Miragaia, Martins, Dráuzio e Camargo que participaram da Revolução

Constitucionalista – e de diversos voluntários, tais como Ary Cajado de Oliveira e José Vicente Ferreira (Garcia, 2010) (Figura 1).



Figura 1. Galileu Emendábili. *Monumento e Mausoléu ao soldado constitucionalista.*., 1942-1970. Forma de obelisco, revestido de mármore: base: 9x 9 metros; altura: 71x 81metros. Parque Ibirapuera, São Paulo. Fonte: br.images.seach.yahoo.com= monumento + ao+ soldado + constitucionalista. Acesso em 10 nov. 2021.

Jazigos dos combatentes em cemitérios da cidade de São Paulo

No presente artigo a análise estará limitada a alguns dos túmulos individuais realizados por escultores italianos antes do translado dos corpos dos combatentes para o Monumento e Mausoléu ao Soldado Constitucionalista. De duas formas, seja nos cemitérios, seja no mausoléu emblemático do Parque Ibirapuera, não há como se esquecer daqueles que lutaram com fé e coragem por uma causa na qual acreditavam, o ideal constitucionalista. Para a pesquisadora Rahme (2005), os túmulos memoriais destinados aos militares que lutaram na Revolução Constitucionalista de 1932 possuem atributos classificados como de temáticas sociais.

Historicizando um pouco sobre o estado de São Paulo, cabe lembrar que ante a iminência do fim do regime escravagista no país, os fazendeiros paulistas começaram a subsidiar com recursos próprios a vinda de imigrantes como mão de obra agrícola, principalmente de italianos. A agricultura cafeeira, a instalação de

estradas, a mão de obra imigratória e a expansão física da capital propiciaram um desenvolvimento urbano vertiginoso de São Paulo. Muitos imigrantes italianos foram trabalhar nas fazendas de café, enquanto outros, que vieram com uma formação profissional já situada, tornaram-se prestadores de serviços, como foi o caso dos artistas-artesãos, que fundaram suas marmorarias, e dos escultores, que instalaram seus ateliês na cidade de São Paulo em pleno progresso econômico.

No início do século XX o arquiteto brasileiro Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851-1928) agregou ao seu escritório e ao Liceu de Artes e Ofícios, então sob sua administração, muitos professores e empreiteiros italianos, que trouxeram para o Brasil o gosto pelo estilo floreal, neorrenascentista e eclético, consequentemente. O Liceu pode ser considerado como o principal local de ensino formador de mão de obra especializada que atuou na produção arquitetônica, urbanística e decorativa da cidade de São Paulo. O desenvolvimento da indústria paulista (1920-1929) – que ganhou força com a crise da monocultura cafeeira e com o *crash* da Bolsa de Nova York em 1929 – também contou com a participação de imigrantes italianos, que constituíram as primeiras fortunas de europeus no Brasil. Esses imigrantes em ascensão recorreram aos serviços de escultores compatriotas para construírem jazigos monumentais, a fim de perpetuarem-se diante da comunidade, assim como também o fizeram os comerciantes sírio-libaneses enriquecidos.

Muitos escultores italianos estabeleceram-se na cidade de São Paulo na terceira fase da imigração no país, isto é, no período de 1902 a 1920, assumindo a feitura de esculturas públicas, cujos projetos foram selecionados por meio de concursos. O reconhecimento público de alguns levou-os a serem contratados pela custódia do governo de São Paulo e de familiares e associações de classe para realizarem os túmulos dos heróis constitucionalistas em 1932. Dentre eles, podem ser citados o escultor *Eugenio Prati***,** que realizou os túmulos do General Júlio Marcondes Salgado, do Major José Marcelino da Fonseca e do voluntário Lauro de Barros Penteado no Cemitério São Paulo; e o escultor *Júlio Starace***,** que foi o responsável pelo túmulo do estudante e voluntário Clineu Braga de Magalhães, também no Cemitério São Paulo. Já *Armando Zago* realizou o túmulo de Prudente Meireles de Moraes, no Cemitério da Consolação. Todos esses túmulos foram construídos em 1932.

Pode-se afirmar que esses jazigos possuem as características peculiares de cada escultor, todavia, contêm atributos comuns à Revolução Constitucionalista de 1932. Na maioria deles consta a bandeira paulista, que simboliza o estado deflagrador da causa constitucionalista; o capacete, que representa a glória do falecido; a espada, o objeto de luta; e o ramo de café, que expressa a natureza e o poder da economia estadual. Todos esses são símbolos que visam eternizar a trajetória de vida dos heróis paulistanos. Por isso, as obras teriam de ser didáticas, lembrando o vínculo do morto com o fato histórico. Foram construídas segundo o imaginário histórico, que visava celebrar, imortalizar e glorificar a individualidade dessas pessoas que representavam uma causa única, o culto cívico. Os túmulos

foram construídos em granito polido marrom ou preto, e as esculturas, moldadas em bronze, conforme o hábito da época.

A maioria dos jazigos foi instalada no Cemitério São Paulo, inaugurado em 1926, no bairro de Pinheiros. Pode-se considerá-lo como uma extensão dos cemitérios da Consolação (1858) e do Araçá (1897), que já estavam com superlotação. O novo cemitério tornou-se, então, o local dos mortos provenientes da elite econômica e social da cidade de São Paulo, isto é, imigrantes italianos e sírio-libaneses ou descendentes de famílias representativas da sociedade paulistana, como foi o caso dos militares de alta patente que participaram da Revolução Constitucionalista. Trata-se, conforme Ribeiro (1999), de uma necrópole que contém numerosos jazigos monumentais, com calçadas limpas e bem arborizadas.

Ribeiro (1999) fez um levantamento de 116 obras funerárias dos cemitérios da Consolação, Araçá e São Paulo realizadas pelo escultor Eugênio Prati (Cerro Veronese, Itália-1889-São Paulo,1980), que fez da arte tumular a sua profissão. Prati era originário de família de artesãos italianos e frequentou a Academia de Arte Cignole, em Veneto. Chegou a São Paulo em 1926, período da grande efervescência cultural (Comunale, 2017). A sua temática escultórica foi essencialmente religiosa, salvo as encomendas recebidas. Suas obras perpassam pelos estilos neoclássico, *art. nouveau, art. déco* e modernista, cuja perspectiva escultórica foi essencialmente religiosa, apesar de receber encomendas com outras temáticas. Uma de suas peculiaridades foi dar assimetria aos volumes, com a sobreposição de blocos de granito com formas e tamanhos variados.

O monumento funerário mais suntuoso que Prati fez para os heróis constitucionalistas foi o do General Júlio Marcondes Salgado (1890-1932), um dos líderes articuladores e mentor militar da Revolução Constitucionalista como comandante geral da Força Pública do Estado de São Paulo. Foi promovido a general "*post mortem*" em 1932, mediante carta patente expedida pelo então governador Constitucional do Estado de São Paulo, Pedro Toledo. O escultor construiu uma sobreposição de planos até chegar à grande cabeceira *art déco* que delimita o túmulo. Sobre o segundo plano, destaca-se, à direita, a escultura de uma mulher em tamanho natural, de perfil, com vestuário clássico, colocando as mãos sobre um livro; uma espada; uma folha de carvalho, símbolo da glória; e sobre uma coroa de louros, representativa da vitória. Esses objetos estão assentados sobre uma urna de granito preto, na qual está gravado o brasão paulista. A obra, conforme Ribeiro (1999), representa a *Gratidão* (Figura 2).

Mas o grande destaque do monumento está no baixo-relevo de bronze incrustado dentro da cabeceira. Nele Prati fez uma narrativa ao colocar o General Salgado a cavalo conduzindo o exército constitucionalista. Ao seu lado está uma mulher, seminua, segurando uma bandeira, uma referência à obra de Delacroix, "A liberdade conduzindo o povo". Ao fundo do relevo, aparece o edifício Martinelli, primeiro arranha-céu da cidade de São Paulo, símbolo do poder econômico do estado. Acima, à esquerda, está escrita a palavra LEX (Lei) sobre uma cruz com raios

de luz, o que demonstra que a igreja católica da cidade de São Paulo apoiava os constitucionalistas. Constam ainda no túmulo elementos esparsos e significativos, tais como a tocha, símbolo da verdade, da consagração e da efemeridade, conforme pontua Rahme (2005).



Figura 2. Eugênio Pratti. Túmulo do General Júlio Marcondes Salgado, +1932; obra 1932. De granito polido marrom e bronze.Cemitério São Paulo, SP. Fonte: Ribeiro, 1999.



Figura 3. Eugênio Pratti. Túmulo do Major José Marcelino da Fonseca, +1932, obra 1932. Granito polido marrom e bronze. Cemitério São Paulo, SP. Fonte: Ribeiro, 1999.

As características formais de Prati também estão presentes no túmulo do Major José Marcelino da Fonseca. Os níveis menores dos blocos laterais do túmulo são de dimensões diferentes da tampa, mas o que chama a atenção é a cabeceira grande, retangular, que contém um painel de bronze subdividido em duas partes e que mitifica a causa constitucionalista. Na parte superior, uma figura lateral de ¾ representa um soldado constitucionalista segurando uma baioneta e ao mesmo tempo recebendo da mão de uma pessoa oculta um ramo de louro. Na parte central, há o medalhão que contém o retrato do Major Fonseca, falecido com 41 anos. O militar foi fotografado fardado, em posição frontal. O epitáfio encontra-se abaixo do medalhão (Figura 3).

No túmulo de Lauro Barros Penteado, voluntário na Revolução Constitucionalista, Prati representou também os atributos clássicos da causa, além de repetir os planos variados na base do túmulo e no painel de bronze em forma de um "L" invertido, que fica incrustado na cabeceira mais à direita do monumento. No primeiro plano, o artista esculpiu o soldado constitucionalista de perfil e em tamanho real, vestido a caráter, o que simboliza a proeza e a persistência do paulistano. Ao representar o morto em seu uniforme, o escultor contemplou suas últimas palavras: "Sei que vou morrer por São Paulo. Quero ser sepultado com esta mesma farda com que vou morrer... Viva São Paulo!" (Garcia, 2010).

No fundo do painel, Prati reproduziu o monumento de Amadeo Zani, "Gloria Imortal aos fundadores de São Paulo", instalado no Pátio do Colégio (1925), e o projeto do "Monumento às bandeiras" (1921), de Victor Brecheret. Ou seja, o escultor homenageou nesse baixo-relevo obras de valor histórico e artístico importantes para São Paulo e realizadas por seus patrícios. Na parte lateral do "L", o escultor acrescentou a bandeira paulista, cuja dimensão extrapola o espaço do painel. Sobre ela veem-se uma espada, ramos de café e de palma e um capacete, modelo utilizado pelos pracinhas. Prati recorreu assim, e mais uma vez, a elementos que significam o triunfo desse mártir da causa constitucionalista (Figura 4).



Figura 4 - Eugênio Pratti. Túmulo de Lauro Barros Penteado, + 1932, obra 1932. Granito polido marrom e bronze. Cemitério São Paulo, SP. Fonte: Ribeiro, 1999.

Pode-se afirmar que o escultor Eugenio Prati fez uma representação literal do ideário constitucionalista ao empregar símbolos que valorizam a causa, ao assentar personagens trajados a caráter, o que mitifica os heróis constitucionalistas, e ao retratar alguns em forma de busto (Major Fonseca) ou em combate (General Salgado). Não deixou de utilizar as combinações de formas geométricas de planos e tamanhos diferentes em suas bases, características do estilo *art déco* tão em voga na época.

Ao lado do túmulo de Lauro Barros Penteado, encontra-se o de Clineu Braga de Magalhães, projetado pelo escultor Júlio Starace (Giugliano, Nápoles, Itália, 1887–SP,1952). Starace estudou na Academia de Belas Artes de Nápoles e veio para o Brasil em 1912. Situou seu ateliê no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, no período de 1913 a 1920, e depois foi para a Alameda Tietê, 460. Participou de vários concursos públicos nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Conforme Ribeiro (1999), Starace executou 17 monumentos nos cemitérios São Paulo e da Consolação. As características recorrentes de suas obras são: ausência de portinhola, uso de granito e emprego de um crucifixo em bronze ou mármore. Os estilos neoclássicos, *art nouveau* e *art déco* são recorrentes em suas obras funerárias.

No túmulo de Magalhães, Starace também colocou peças fundamentais para o entendimento da história dos constitucionalistas: a bandeira do estado de São Paulo, o ramo de café e o capacete modelo paulista, com as iniciais BUP 14 de julho, sigla de Batalha Universitária Politécnica na Revolução de 1932. O túmulo foi construído em linhas retas, com médias dimensões e jardineiras nas laterais da cabeceira. Na parte superior da cabeceira retangular, com acabamento superior de representação de pedra sobrepostas, há um braço estendido segurando uma tocha acesa, que é o símbolo da força constitucionalista. No corpo central do jazigo, na frente da cabeceira, figuram outros elementos: um capacete, uma palma, uma espada pousada sobre a bandeira paulista, cujo panejamento recobre os degraus e alcança o corpo central do jazigo. A cabeceira traz a inscrição: "*Cumprindo o seu dever Tombou por São Paulo Amparae-o Senhor"* (Ribeiro, 1999, p. 929). Na lápide horizontal, Starace colocou um crucifixo em bronze, acessório que reproduziu também em outros túmulos, conforme visto anteriormente (Figura 5).

Clineu Braga de Magalhães era integrante do BUP e aluno do terceiro ano do curso de Engenharia Civil da Escola Politécnica de São Paulo. A Escola Politécnica de São Paulo, fundada em 1835, atuou ativamente no movimento constitucionalista, para o qual contribuiu com a produção de armamentos e munições para as tropas. Além disso, muitos alunos inscreveram-se nessa luta que causou a morte de muitos deles, tais como Miragia, Martins, Drauzio e Camargo. Em suas memórias foi criada a MMDC – sigla formada com as iniciais dos nomes desses alunos –, organização civil paramilitar criada no dia 24 de maio de 1932 (Garcia, 2010). Magalhães morreu na região de Capão Bonito enquanto caminhava para a retaguarda inimiga. Seus restos mortais foram sepultados inicialmente no

Cemitério de Capão Bonito, posteriormente foram transladados para o cemitério São Paulo e hoje encontram-se no Monumento Constitucionalista.



Figura 5- Júlio Starace. *Túmulo de Clineu Braga de Magalhaes, + 1932.,* obra 1932. Granito polido e bruto marrom e bronze. Cemitério São Paulo, SP. Fonte: Ribeiro, 1999.

Já o constitucionalista e engenheiro Prudente Meirelles de Moraes foi enterrado no Cemitério da Consolação, construído em 1858, e que alguns anos depois tornou-se o local de enterramento de pessoas abastadas da cidade de São Paulo. Nele foram construídas obras tumulares monumentais, que visavam perenizar a elite local, como foi o caso do túmulo de Prudente de Moraes, também oriundo de duas ilustres famílias paulistanas. O responsável pelo seu túmulo foi o escultor Armando Zago, considerado por Ribeiro (1999) como o terceiro escultor italiano que realizou o maior número de obras funerária na cidade de São Paulo, atrás de Eugênio Prati e Antelo del Debbio.

Zago instalou-se na cidade de São Paulo por dois períodos distintos e é na segunda vez que passou a se dedicar mais à arte funerária. Ribeiro (1999) levanta 42 obras de sua autoria instaladas nos cemitérios da Consolação, do Brás, do Araçá e São Paulo. Como todos os seus patrícios, a temática religiosa persiste em suas obras, que sempre dão muito destaque às portinholas ricamente decoradas. No caso do túmulo de Moraes, Zago teve de se adequar ao objetivo maior da encomenda, que era o de enaltecer o falecido e os ideais constitucionalistas. Para isso, o escultor instalou na base, no lado esquerdo do jazigo, uma escultura de bronze em tamanho natural e segundo os padrões acadêmicos: trata-se do "apóstolo-soldado" São Paulo, que coloca com a mão esquerda um ramo de louro

sobre a bandeira paulista drapeada que está ao lado do capacete; na mão direita ele segura uma espada na vertical.

A cabeceira do túmulo serve como encosto da escultura e da urna retangular do jazigo. O que chama atenção é a representação do túnel da Mantiqueira na portinhola de bronze, na qual está a imagem de um homem que puxa uma parte do vagão de um trem. A escolha é significativa, pois foi nesse local que o exército constitucionalista travou uma de suas batalhas mais difíceis, que resultou em um número significativo de mortos. No rodapé da portinhola, a inscrição reforça a bravura desse herói: "De há muito não via um homem de tamanha coragem e de tanta capacidade de trabalho – Cel. Paiva de Sampaio".



Figura 6. Armando Zago. Túmulo do Engenheiro Prudente Meirelles de Moraes, +1932; obra 1932. Granito preto e bronze. Cemitério da Consolação, SP. Fonte: Ribeiro, 1999.

Proliferação do ideário constitucionalista

Além desses túmulos individuais, o governo de São Paulo prontificou-se a construir túmulos coletivos no interior do estado para os ex-combatentes constitucionalistas de diferentes municipalidades, como foi o caso do Cemitério da Saudade, instalado em Piracicaba, e onde estão sepultados seis soldados. Outras cidades optaram por construir monumentos públicos em locais estratégicos para reforçar a importância da Revolução Constitucionalista de 1932. A administração municipal de Itu, por exemplo, construiu seu monumento aos combatentes em frente ao cemitério local, no que foi seguida pelos prefeitos de Bauru e Campinas (escultor Marcelino Vélez, 1934). Outros escolheram praças públicas, como é o caso das cidades de Santos (escultor Antelo Del Débio), Piracicaba (escultor Lelio Coluccini), Serra Negra, Americana, de Ribeirão Preto. Os campi da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Mackenzie, por sua vez, também prestaram homenagens aos seus estudantes constitucionalistas (Rahme, 2005). Destacam-se ainda três obras realizadas nas faculdades de Direito, Medicina e de Engenharia da USP, criadas pela escultora Adriana Janocópulos (1897-1978) em 1962/1963.

A cidade de São Paulo instalou marcas significativas no seu espaço urbano para lembrar a Revolução Constitucionalista de 1932, tais como a atribuição dos nomes das avenidas 23 de maio e 9 de julho, da Praça do Patriarca e de edificações como o Hospital 9 de Julho e o Edifício Ouro. O nome desses logradouros e prédios, os túmulos individuais e coletivos, o grande obelisco/monumento, os monumentos das praças públicas no interior do estado de São Paulo contribuem para eternizar os objetivos da causa constitucionalista, ou, como afirma Nora (1993), são lugares de memória que procuram imortalizar e valorizar a causa revolucionária no registro de seus emblemas e símbolos, para que não caiam no esquecimento. Todavia, não se pode esquecer que persiste uma exaltação narcísica do movimento paulista na eternização dos seus ideais.

Os escultores italianos, por sua vez, dominaram o mercado da arte funerária em São Paulo no início do século XX, graças à formação técnica e aprimorada que trouxeram da Itália e à flexibilidade para aceitar encomendas dos proprietários com ornamentações de tendências variadas no mesmo túmulo. Quase não se distinguem as peculiaridades próprias de cada artista, pois as obras tumulares feitas para os constitucionalistas têm características comuns a todos eles: houve o predomínio do estilo *art déco,* com seus planos de formas geométricas elementares na base e na cabeceira; as imagens, quando colocadas, são dotadas de um realismo proveniente do estilo neoclássico; enquanto os símbolos são instalados praticamente na mesma posição: capacete, folhas e espada sobre a bandeira paulista, com realismo. Enfim, os escultores realizaram obras que visaram reforçar os desejos de seus encarregados, imortalizar o herói e seus ideais, e fazer com que permanecessem presentes como artistas italianos dentro do espaço

público. Ao mesmo tempo, registraram a importância política e cultural de São Paulo nessa memória ímpar do país.

Referências

COMUNALE, Viviane. A influência dos artesãos italianos em São Paulo nos séculos XIX e XX na arte tumular. *In*: TIRAPELI, Percival; PEREIRA, Danielle Manoel dos Santos (org.). *Patrimônio Sacro na América Latina:* arquitetura, arte e cultura no século XIX. São Paulo: Editorial Laura Carneiro/Unesp, 2017.

GARCIA, Glaucia. *1932:* A arte da revolução nos cemitérios Paulistas. 2010. Fonte:https://saopauloantiga.com.br/category/historias-de-cemitério. Acesso em: 01/10/2021.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. *In*: *Projeto História.* São Paulo, n. 10, p. 1-22, dez. 1993.

PEZZATO, Esio Antonio. http://esiopoeta@gmail.com. Fonte: https://saopauloantiga.com.br/category/historias-de-cemitério/ Acesso em: 01/10/2021.

RAHME, Anna Maria Abrão Khoury. *Inovar e conservar:* a ambiguidade no Monumento Constitucionalista. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

RIBEIRO, Josefina Eloína. *Escultores Italianos e sua contribuição à Arte Tumular Paulistana.* Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.

Como citar:

BORGES, Maria Elizia. Monumentos funerários de São Paulo dedicados aos heróis da Revolução de 1932. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 674-685, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.
DOI: https://doi.org/10.54575/cbha.41.056
Disponível em: http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm